



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do centro de distribuição das Casas Bahia**

São Paulo-SP, 28 de abril de 2006

Meu caro Samuel Klein, presidente das Casas Bahia,
Meu caro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,
Meu caro Aloizio Mercadante, senador,
Meu caro prefeito William Dib,
Prefeitos das cidades do ABC,
Deputados federais,
Deputados estaduais,
Empresários,
Trabalhadores,
Jornalistas,
Meu caro Samuel,
Minha querida companheira Marisa,

Eu acredito que as Casas Bahia sejam um exemplo a ser seguido por muita gente que trabalha no comércio neste país. No Brasil, uma vez, fazendo um encontro com a Febraban, eu descobri, e daí surgiu o crédito consignado, que o problema do financiamento no Brasil era a falta de confiança de que as pessoas iriam pagar corretamente. E ainda hoje persiste, e os poucos que têm crédito pagam os juros daqueles que não têm crédito.

Eu descobri naquela reunião da Febraban que era preciso criar mecanismos para que a gente pudesse fazer com que o povo brasileiro tivesse crédito. E fiquei pensando como é que as Casas Bahia davam crédito para a parte mais pobre da população, muitas vezes sem fazer 10% das exigências que normalmente se faz para vender uma coisa a crédito, e conseguiu crescer



o tanto que cresceu, e ter a pouca inadimplência que teve.

Os números demonstram que, se tem um segmento que paga as coisas corretamente, é a parte mais pobre da população. Muitas vezes, quando alguém assina um talão de prestação nas Casas Bahia, o único patrimônio que aquela pessoa tem é o seu caráter, é o seu próprio nome. Então, pagar, para ela, é quase que coisa sagrada, porque as pessoas gostam de ter o nome limpo na praça. Sabe uma coisa muito usada no meio da parte mais pobre da população? Eles gostam de ter o nome limpo na praça.

Você quer ver uma pessoa humilde ficar irritada e perder o sono, é saber que o nome dela está sujo. Pois bem, com base nessa filosofia de as Casas Bahia acreditarem na parte mais pobre da população, e não só hoje, mas no começo era muito forte, e ainda é o público predominante das Casas Bahia, nós criamos o crédito consignado. Tentando criar as condições de fazer com que as pessoas, mesmo que ganhem 500, 600, 700 reais, pudessem chegar em um banco, tomar um empréstimo para pagar em 24, em 12 ou em 36 meses e poder comprar as coisas que às vezes não podiam comprar ou, às vezes, até fazer a viagem que não podiam fazer.

Vocês sabem que em algumas áreas, quando as pessoas discutem muito, as pessoas não acreditam nisso, muitas vezes as pessoas são descrentes de que essas coisas possam dar certo. E hoje a imprensa reconhece, acredito que os empresários que trabalham no comércio reconhecem que o crédito consignado colocou, em pouco tempo, 34 bilhões de reais no consumo. Obviamente que a parte mais pobre da população, quando pega 1000 reais emprestados, não vai comprar dólar para guardar ou não vai emprestar a juros. A pessoa vai comprar uma roupa, uma camisa, um sapato, uma televisão, um rádio. E quanto mais tempo a gente der de prestação, e quanto mais barata for a prestação, mais as pessoas vão poder comprar porque no meio da parte mais pobre da população, eles não têm a preocupação se vai custar cinco ou seis a mais, eles querem saber se podem



pagar uma prestação, eles querem saber se é possível dividir e conseguir pagar um pouquinho a cada mês.

As Casas Bahia descobriram esse filé e se transformaram nessa empresa extraordinária que é. A segunda coisa que eu acho importante, meu caro Samuel Klein, é que quando nós pensamos em fazer a política de transferência de renda com base no programa Bolsa Família, e parece pouco, mas são nove milhões de famílias que recebem um pouquinho de dinheiro por mês para comprar o que comer. E, certamente, na grande São Paulo, em Minas Gerais, onde você tem as Casas Bahia, as pessoas pegam um pouquinho desse dinheiro para vir comprar alguma coisa que não seja comida.

O que está acontecendo nesse momento? Nesse momento, eu posso dizer na frente dos trabalhadores, dos empresários e, sobretudo, na frente de um homem bem-sucedido como o Samuel Klein e sua família – que acreditou no povo pobre deste país, que criou crédito para o povo pobre deste país, que não olhava se a pessoa estava de terno e gravata ou de chinelo para fazer uma compra, que não olhava a cor da roupa das pessoas, que não olhava a origem das pessoas – que as Casas Bahia demonstraram claramente que basta acreditar na sociedade brasileira para que as coisas dêem certo e basta a gente ter uma política correta para o público correto que não há jeito de errar.

Hoje eu estou convencido, e posso lhe dizer, Samuel – até porque o senhor é alguns poucos anos mais velho do que eu e, portanto, a minha relação de respeito com uma pessoa mais idosa do que eu e com uma criança é muito maior – que o Brasil finalmente, eu posso dizer olhando para a cara dos deputados, dos empresários, que o Brasil finalmente encontrou o seu rumo. Hoje eu posso dizer a vocês que o Brasil entrou num ciclo de crescimento duradouro, sustentável e que isso vai durar muitos e muitos anos.

A combinação de uma seriedade de política fiscal, de um rígido controle da inflação, com uma correta política de distribuição de renda é algo que pode garantir a qualquer país do mundo dar certo.



A combinação de uma política macroeconômica responsável com seriedade, sem invenção de mágica nenhuma na economia, apenas fazendo o que tem que fazer, demonstra que valeu a pena fazer o sacrifício que nós fizemos no começo.

Alguns exemplos. Eu fui um dirigente sindical razoavelmente importante neste país, Maluf era governador aqui em São Paulo, fizemos as maiores greves aqui nesta cidade e a gente quase nunca conseguia ter aumento real de salário. Normalmente, naquele tempo a inflação era muito alta, a gente reivindicava 83% de aumento, 90% de aumento, 120% de aumento e quando voltava a trabalhar, com 50%, a gente achava que era uma vitória, embora soubéssemos que estávamos recebendo apenas metade daquilo que a inflação tinha comido do nosso salário.

Pois bem, meu caro Samuel, nesses dois últimos anos 90% dos sindicatos que fizeram um acordo de salário, fizeram acordo tendo aumento real no seu salário, tendo ganhos concretos de aumento de salário. E aqui, sabem as pessoas, há muito tempo não existia isso no Brasil, há muito e muito tempo. E eu digo porque lutei muito para ter e não conseguimos. Hoje, sindicatos como o dos metalúrgicos fizeram acordo para dois anos, para três anos, até 2008.

Pois bem, não é apenas isso. Há quanto tempo o salário mínimo não tinha aumento real? Só para o senhor ter uma idéia, no começo de 2003 um salário comprava uma cesta básica. Hoje, um salário mínimo compra duas cestas básicas. Só para o senhor ter uma idéia de como as coisas evoluem, quando nós aprovamos o Estatuto do Idoso, nós colocamos três milhões a mais de pessoas virando consumidores neste país.

A Caixa Econômica fez uma inclusão bancária que colocou mais seis milhões de pessoas como cidadãs. Eu me lembro do depoimento de uma senhora catadora de papel, quando ela conseguiu abrir uma conta na Caixa. Eu, que sempre tive direito de ter uma conta no banco, não tinha dimensão. Ela



falou para mim: “Presidente, pela primeira vez eu estou me sentindo gente, tenho uma conta bancária e um talão de cheques.”

Essas coisas todas, meu caro Samuel Klein, confirmam aquilo que a imprensa tem divulgado, aquilo que os especialistas têm falado: a economia brasileira está sólida, pela primeira vez nós estamos crescendo as exportações e as importações ao mesmo tempo. O Brasil sempre teve dúvida, nos melhores momentos, quando a gente crescia 10% a gente decidia, de vez em quando, exportar muito e importar nada, depois a gente decidia importar tudo e não exportar nada e a gente passou vários anos, em vários governos correndo atrás de dinheiro para fechar a conta no final do ano.

Hoje, nós temos um superávit comercial muito sólido, temos um superávit de conta corrente muito sólido, temos uma economia que está garantida e sobretudo, uma inflação baixa. Portanto, meu caro Samuel, se as Casas Bahia chegaram a ser o que são antes, eu fico imaginando o que serão as Casas Bahia a partir de agora, quando o povo tem mais dinheiro, quando o povo tem mais crédito e quando o povo está tendo acesso àquilo que é sagrado para cada um de nós, que é um pouquinho de dinheiro para comprar as coisas que nós precisamos.

Eu queria lhe dizer que as Casas Bahia podem e devem continuar sendo um exemplo, sobretudo na relação que as Casas Bahia mantêm com seus funcionários. Muita gente poderia dar o que o senhor dá, muita gente poderia dar uma cesta básica de 25 quilos para os funcionários, muita gente poderia pagar um pouquinho a mais. É que no Brasil, ainda, nem todo mundo evoluiu a ponto de compreender que a transferência de renda é a melhor forma que a gente tem para fazer o país crescer. E nós estamos provando isso porque aqui, na minha geração e aqui todos são da minha geração, uns muito mais novos, nós passamos uma década ouvindo dizer: “é preciso primeiro a economia crescer para depois distribuir, é preciso o bolo crescer para distribuir”. Nós estamos provando que é possível distribuir e fazer o bolo crescer ao mesmo



tempo. Se nós somos um país capitalista, nós não podemos negar que a parte mais pobre da população tenha acesso àquilo que é sagrado para ela, que é dinheiro para fazer os seus negócios.

Quando nós saímos, dr. Samuel Klein, de 2 bilhões e 400 milhões de reais de financiamento da agricultura familiar e passamos para 9 bilhões de reais, nós sabíamos que isso resultaria no crescimento do emprego no campo e na cidade, nós sabíamos que isso resultaria numa política de distribuição de renda, e o que nós estamos colhendo hoje é aquilo que nós plantamos. Nós plantamos a possibilidade de este país ser uma grande nação, de forma mais justa, de forma mais equânime, permitir que a sociedade possa, com muita tranqüilidade, sobreviver às custas do seu trabalho.

Por isso eu não poderia deixar de vir aqui. Primeiro, a disposição e a vontade de conhecê-lo pessoalmente, já que São Caetano era muito longe, eu falei: bom, vou deixar para fazer em São Bernardo, porque perto de casa fica mais fácil fazer uma visita. Não foram poucas as vezes que a Marisa me convidou para ir com ela às Casas Bahia comprar, porque ela adora fazer uma prestaçõzinha, comprar umas coisas, para pagar em não sei quantos meses.

Então, eu quero dizer que é uma alegria estar aqui, é uma alegria ver o sucesso de uma empresa como esta, é uma alegria saber que a sua preferência pela parte mais pobre da população deu uma dimensão a todos nós, para que nós enxerguemos esse lado da sociedade, que tem vontade de ter tudo aquilo que a outra parte tem, e que muitas vezes não teve a oportunidade de ter, e nós estamos tentando dizer a essa gente que ela não apenas pode ter como vai ter.

Eu tenho andado pelo Brasil e sei que nós estamos em um ano delicado porque ano de eleição no Brasil é sempre delicado. Deveria não ser, mas é sempre delicado. Se saísse na imprensa 5% de notícias boas do que sai das ruins, certamente seria muito melhor ainda para o Brasil, porque muitas vezes no Brasil nós somos por demais pessimistas. Tem dias em que abro o jornal e



tenho vontade de não sair de casa, porque a impressão que eu tenho é que o país acabou. Quando eu era oposição era a mesma coisa, eu via análises de conjuntura, Afif, e eu falava: acabou. Porque eu vou ser candidato, se o país acabou?

Este país é muito grande, este país tem um povo extraordinário, este país tem um conjunto de empresários otimistas, mas também tem pessimistas, tem gente que só faz política no dia do Copom. O Copom se reuniu, no dia – desde o movimento sindical até os empresários é o mesmo discurso – é só estampar ali, parece um boletim. Quando, na verdade, o fato concreto é que as coisas vêm acontecendo. Peguem o que diziam da economia no começo do ano, analisem as manchetes de jornais, analisem o que diziam alguns especialistas no começo do ano e peguem agora o que esses mesmos estão dizendo.

Eu sou daqueles que, ao invés de ficar tentando adivinhar o que vai acontecer, eu prefiro trabalhar para que aconteça. E estou convencido de que vai acontecer neste país, dr. Samuel, o mesmo que aconteceu nas Casas Bahia.

Agora mesmo começou um discurso que de vez em quando eu vejo na imprensa, eu deito no travesseiro e fico meditando, agora é o choque de gestão. No Brasil, de vez em quando, aparece uma palavra de moda. Sabe por que isso? Porque no Brasil cuidar de pobre é gasto, quando na verdade cuidar de pobre deveria ser o maior investimento que o Estado pode fazer, cuidar das pessoas necessitadas.

Vejam vocês uma coisa, por que quando nós emprestamos dinheiro para um grande empreendimento, a gente trata aquilo como um investimento? E quando a gente cria o ProUni e dá 204 mil bolsas de estudos para pobre estudar, da periferia, é tido como gasto? Porque aumentar 1,5% o salário dos trabalhadores aposentados é tratado por alguns setores como se fosse gasto?



Então, é preciso mudar um pouco a forma conceitual com que se trata as coisas neste país. O senhor fez, teve resultado e disse agora há pouco para mim: “eu gostaria que o Brasil fosse que nem as Casas Bahia, todo mundo feliz.” O senhor fez isso porque acreditou na parte pobre da população. E eu quero lhe dizer, dr. Samuel, que na minha cabeça cada centavo que a gente gastar com pobre, cada centavo... uma parte das pessoas que estão aqui não precisa nem do seu crédito e nem tampouco de programas sociais. Já conquistou essa parte, já conquistou a cidadania, já consegue entrar numa piscina e nadar cem metros. Não pode jogar bola porque vai se machucar, mas tem asas para voar, já saiu do ninho, já está voando. Mas nós temos que olhar é aquela parte que ainda não teve condições de voar.

Então, eu quero lhe dizer que, embora não seja presidente das Casas Bahia, seja presidente do Brasil, a minha concepção de tratamento deste país é a concepção que o senhor teve de estabelecer, a sua parceria com a parte pobre da população.

Eu digo sempre o seguinte: quando todo mundo tem um pouco, você está fazendo distribuição de renda; quando apenas poucos têm muito, você está fazendo concentração de renda. Eu não sei quem é que se sente feliz morando numa casa luxuosa e vendo, do seu lado, uma pessoa morando de forma paupérrima. Eu não sei qual é o masoquismo que permite às pessoas não sentirem a sensibilidade de que nós temos que mudar essa situação.

Portanto, meu caro Samuel, é um prazer, um enorme prazer estar hoje aqui neste monumento, um monumento extraordinário que demonstra apenas o seguinte: as Casas Bahia escolheram a região certa, escolheram o público certo e escolheram o jeito certo. Na medida em que fez tudo certo, o senhor está colhendo o que plantou. E eu tenho certeza que por tudo que o senhor me falou, a colheita é muito boa, não tem intempéries, não tem chuva, não tem sol, ou seja, é só o povo poder fazer uma prestaçõzinha, as Casas Bahia estarão à sua porta.



Meus parabéns, boa sorte, e que Deus continue ajudando, que tenha o sucesso que conseguiu até agora.